

## Shakespeare na Selva

Laura Bohannon

Pouco antes daquela minha viagem de Oxford para os Tiv, na África Ocidental, conversávamos sobre a temporada em Stratford quando um amigo declarou o seguinte: “Vocês americanos têm uma certa dificuldade com Shakespeare. Ele era, afinal, um poeta essencialmente inglês, e o universal pode facilmente ser mal interpretado devido à incompreensão do particular.”

Eu protestei, alegando que a natureza humana é exatamente a mesma no mundo inteiro; pelo menos a trama genérica e a motivação das grandes tragédias seriam sempre claras – em qualquer lugar – embora alguns detalhes relativos aos costumes tivessem que ser explicados, e certas dificuldades de tradução pudessem produzir outras ligeiras alterações no sentido. Para acabar aquela discussão infundável, meu amigo ofereceu uma cópia de Hamlet para que eu a estudasse na selva africana – ele achava que assim eu poderia elevar minha mente acima da primitividade circundante e talvez conseguisse, depois de muito meditar, ser iluminada pela interpretação correta.

Era o meu segundo período de campo naquela tribo africana e eu me sentia preparada para pesquisar em um de seus mais remotos segmentos – uma área difícil de atravessar até mesmo a pé. Acabei indo parar numa colina onde vivia um velho extremamente culto, chefe de um segmento com cerca de cento e quarenta pessoas, sendo que todas eram ou seus parentes próximos ou suas esposas e filhos. Como os outros anciãos da vizinhança, este velho passava a maior parte do tempo organizando cerimônias que atualmente são difíceis de se ver nas regiões mais acessíveis da tribo. Fiquei maravilhada. Breve chegariam os três meses de isolamento forçado e ociosidade, entre a colheita, que é feita imediatamente antes dos pântanos ficarem completamente alagados, e a abertura de novas roças, depois que as águas baixassem. Pensei que então eles teriam mais tempo para dedicar às cerimônias e explicá-las para mim.

Estava completamente enganada. A maioria das cerimônias exige a presença de anciãos de diversos segmentos, e à medida que os pântanos iam enchendo ia ficando cada vez mais difícil para os velhos andarem de um segmento para outro, até que as cerimônias gradualmente cessaram. Quando as águas subiram ainda mais, todas as atividades foram suspensas, exceto uma. As mulheres preparavam cerveja de milho e painço. Homens, mulheres e crianças ficavam em suas colinas, bebendo cerveja.

Começava-se a beber ao amanhecer. Lá pelo meio da manhã todos estavam cantando, dançando e tocando tambor. Quando chovia as pessoas tinham que ficar dentro de suas cabanas, onde bebiam e cantavam, ou então bebiam e contavam histórias. De qualquer forma, lá pelo meio-dia ou antes, eu tinha que participar da festa ou então me retirar para minha cabana e meus livros. “Ninguém discute assuntos sérios quando tem cerveja. Venha, beba conosco.” Eu não tinha a capacidade deles para entornar aquela espessa cerveja nativa, e passei a ficar cada vez mais tempo com Hamlet. Antes de terminar o segundo mês, a iluminação baixou sobre mim. Fiquei certa de que havia apenas uma interpretação possível para Hamlet, que seria universalmente óbvia.

Toda manhã, bem cedinho, eu costumava visitar o velho em sua cabana de recepção – um círculo de estacas sustentando o teto de colmo acima de uma baixa parede de adobe, para proteger do vento e da chuva – com a esperança de ter uma conversa séria antes da

festa começar. Um dia, quando eu me esgueirei pelo baixo portal, encontrei a maioria dos homens do segmento, com suas roupas esfarrapadas, sentados nos bancos, nos jiraus baixos que serviam de cama e nas cadeiras reclinadas, todos amontoados em torno de um fogo esfumaçante para se aquecerem da friagem da chuva. No centro havia três potes de cerveja. A festa já tinha começado.

O velho me cumprimentou cordialmente. “Sente-se e beba.” Aceitei uma grande cuia cheia de cerveja, despejei um pouco numa cabacinha, e engoli. Em seguida despejei mais cerveja na mesma cabacinha e a ofereci ao homem cuja idade só era superada pela de nosso anfitrião; depois passei a cuia para um rapaz, de modo a continuar a distribuição. As pessoas mais importantes não se serviam pessoalmente de cerveja.

“Assim está bem,” disse o velho olhando aprovadamente para mim e puxando um fiapo de palha que se enroscara em meus cabelos. “Você deveria se sentar e beber conosco mais vezes. Os seus empregados disseram que quando você não está aqui, fica sentada em sua cabana olhando para um papel.”

O velho conhecia quatro tipos de *papéis*: recibos de impostos, recibos do preço da noiva, recibos de fiança e cartas. O mensageiro que lhe trazia as cartas do chefe usava-as mais como emblema de seu cargo, pois sempre conhecia o conteúdo das cartas e as relatava ao velho. As cartas pessoais, para os poucos que tinham parentes nos postos do governo ou da missão, eram guardadas até que alguém fosse a uma das grandes feiras, onde encontraria um especialista em leitura e redação de cartas. Depois de minha chegada, eles passaram a me trazer as cartas para que fossem lidas. Alguns homens também trouxeram recibos do preço da noiva e pediram, muito em particular, para que eu alterasse as quantias estabelecidas, colocando um valor maior. Descobri que não adiantava recusar alegando valores morais, já que os parentes afins sempre são enganados e que era muito difícil explicar as dificuldades técnicas de uma falsificação para um povo iletrado. Não queria que eles ficassem pensando que eu era boba a ponto de ficar dias e dias olhando para um desses papéis, então expliquei que o meu *papel* era sobre umas *coisas de antigamente* de meu país.

“Ah,” disse o velho. “Conte-nos.”

Recusei, alegando que não sabia contar histórias. Contar histórias é uma arte entre eles; os padrões são altos e a audiência é muito crítica – e verbaliza as críticas. Minha recusa foi em vão. Naquela manhã eles queriam ouvir uma história enquanto bebiam. Finalmente o velho prometeu que ninguém iria criticar o meu estilo, “pois sabemos que você tem dificuldades com nossa língua.” “Mas você tem que explicar o que não entendermos,” acrescentou um dos anciãos, “como fazemos quando lhe contamos nossas histórias.” Percebendo que esta era minha grande chance para provar que Hamlet era universalmente inteligível, acabei concordando.

O velho me serviu um pouco mais de cerveja, para animar-me a contar a história. Os homens encheram seus longos cachimbos de madeira, acendendo-os com brasas retiradas da fogueira; então, fumando prazerosamente, voltaram a se sentar para me ouvir. Comecei no estilo apropriado, “Não foi ontem, não foi anteontem, foi há muito tempo que este fato aconteceu. Numa noite, três homens estavam de vigia fora da cidadela de um grande chefe, quando subitamente viram seu antigo chefe se aproximar.”

“Por que ele não era mais chefe?”

“Ele estava morto,” expliquei, “por isso eles ficaram tão perturbados quando o viram.”

“Impossível,” disse um dos anciãos, passando seu cachimbo para um vizinho, que o interrompeu, “É claro que não era o chefe morto. Era um agouro enviado por um feiticeiro. Continue.”

Eu continuei, ligeiramente desconcertada. “Um dos três era um homem que sabia das coisas” – era a tradução mais fiel de *erudito*, mas infelizmente a expressão também significava “feiticeiro.” O segundo ancião olhou triunfante para o primeiro. “Então ele se dirigiu ao chefe morto, ‘Diga-nos o que precisamos fazer para que você possa descansar em seu túmulo’, mas o chefe morto não respondeu. Ele sumiu e não conseguiram vê-lo novamente. Então o homem que sabia das coisas – seu nome era Horácio – disse que aquilo era da competência de Hamlet, o filho do chefe morto.”

Muita gente discordou, balançando a cabeça. “O finado chefe não tinha mais nenhum irmão vivo? Ou seu filho era o novo chefe?”

“Não,” repliquei; “ou melhor, ele tinha um irmão mais moço, que se tornou chefe depois de sua morte.”

O velho resmungou: tais agouros eram questões a serem resolvidas por chefes e anciãos, e não por jovens; nada de bom se conseguira agindo pelas costas do chefe; estava claro que Horácio não era um homem que sabia das coisas.

“Era sim,” insisti, afastando uma galinha da minha cerveja. “Em nosso país o filho é o sucessor do pai. Mas o irmão mais moço do finado chefe tornou-se o grande chefe. Ele se casou com a viúva do irmão cerca de um mês após os funerais.”

“Fez muito bem,” o velho sorriu de satisfação, dirigindo-se aos outros. “Eu lhes disse que se soubéssemos mais a respeito dos europeus descobriríamos que eles são muito parecidos conosco.” “Em nosso país”, explicou-me, “o irmão mais moço também se casa com a viúva do mais velho, tornando-se o pai de seus filhos. Agora, se o tio casado com sua mãe for irmão de seu pai por parte de pai e de mãe, então ele será um verdadeiro pai para você. O pai e o tio de Hamlet eram filhos da mesma mãe?”

Custei a entender sua pergunta; eu estava irritada e completamente desorientada ao perceber que um dos elementos mais importantes de Hamlet fora sumariamente descartado. Meio insegura, respondi que achava que eram filhos da mesma mãe, mas não tinha certeza – a história não dizia. O velho observou, com severidade, que estes detalhes genealógicos dariam margem a muitas diferenças e que quando eu voltasse para meu país deveria perguntar aos mais velhos. E então gritou para uma de suas jovens esposas, que estava fora da cabana, pedindo que trouxesse sua sacola de couro de cabra.

Determinada a resgatar o que eu pudesse deste problema com a mãe, respirei profundamente e recomecei. “Hamlet estava muito triste porque sua mãe se casara imediatamente após enviuar. Ela não precisava ter feito isso, sendo nosso costume uma viúva guardar dois anos de luto antes de partir para o próximo marido.”

“Dois anos é muito tempo,” objetou a jovem esposa, que aparecera com a sovada sacola de couro de cabra. “Quem vai arar seus campos enquanto você não tiver marido?”

“Hamlet”, retorqui sem pensar, “já tinha idade suficiente para arar os campos de sua mãe. Ela não precisaria ter se casado de novo.” Ninguém se convenceu. Desisti. “A mãe e o grande chefe disseram para Hamlet não ficar triste, pois o grande chefe seria um verdadeiro pai para ele. Além disso, Hamlet seria o próximo chefe: portanto deveria ficar com eles e aprender as coisas da chefia. Hamlet concordou em ficar, e todos foram beber cerveja.”

Quando fiz uma pausa, sem saber como apresentar o angustiado monólogo de Hamlet para uma audiência convencida de que o comportamento de Cláudio e Gertrudes

era o mais decente possível, um dos jovens perguntou quem tinha se casado com as outras esposas do grande chefe.

“Ele não tinha outras esposas,” respondi.

“Mas um chefe tem que ter muitas esposas! Senão, como é que ele vai conseguir fazer cerveja e preparar comida para todos os seus hóspedes?”

Reafirmei energicamente que em nosso país até mesmo os chefes tinham apenas uma esposa; disse que eles tinham empregados para fazer o trabalho das esposas e pagavam os empregados com o dinheiro dos impostos.

Eles responderam que seria bem melhor para o chefe ter muitas esposas e filhos, pois todos o ajudariam a arar seus campos e alimentar o povo, e então todo o povo amaria este chefe, capaz de dar muito e nada pedir em troca – os impostos eram uma coisa ruim.

Concordei com o último comentário; mas, quanto ao resto, recorri à mesma fórmula usada por eles para se esquivarem às minhas perguntas: “É nosso costume, por isso fazemos assim.”

Decidi pular o monólogo. Mesmo que eles pensassem que Cláudio agira corretamente ao desposar a viúva do irmão, restava a questão do veneno, e eu sabia que eles desaprovavam o fratricídio. Mais esperançosa, resolvi resumir: “naquela noite Hamlet ficou de vigília com os três homens que tinham visto seu finado pai. Ele apareceu novamente e, embora os outros ficassem amedrontados, Hamlet foi atrás dele. Quando se afastaram um pouco, o finado pai de Hamlet falou.”

“Agouros não podem falar!” O velho foi enfático.

“O finado pai de Hamlet não era um agouro. Vê-lo pode ter sido um agouro, mas ele era outra coisa.” Minha audiência parecia tão confusa quanto eu. “Era o finado pai de Hamlet, algo que nós chamamos de *ghost*.” Tive que usar a palavra fantasma em inglês pois, ao contrário de inúmeras tribos vizinhas, aquele povo não acreditava na sobrevivência de nenhuma parte individualizada da pessoa depois da morte.

“O que é *ghost*? Um agouro?”

“Não, *ghost* é alguém que já morreu mas que fica vagando pelo mundo e pode falar; as pessoas podem ouvi-lo e vê-lo, mas não podem tocá-lo.”

Eles protestaram. “Pode-se tocar os zumbis.”

“Não, não! Não era um cadáver que os feiticeiros tivessem animado para sacrificar e comer. Não foi ninguém que fez o finado pai de Hamlet andar. Ele podia andar.”

“Mortos não podem andar,” objetou a audiência em uníssono.

Eu já estava querendo contemporizar. “*Ghost* é a sombra do morto.”

Eles protestaram novamente. “Os mortos não lançam sombras.”

“No meu país sim,” retruquei com impertinência.

O velho sufocou os murmúrios de descrença que imediatamente se fizeram ouvir e me disse, naquele tom insincero e cortês usado para concordar com as extravagâncias dos jovens, dos ignorantes e dos supersticiosos: “Não resta dúvida de que em seu país os mortos podem andar sem serem zumbis.” E então tirou das profundezas de sua sacola um pedacinho murcho de noz de cola, mordeu uma pontinha para mastigar e mostrar que não estava envenenada e me passou o resto, como oferenda de paz.

“Bem,” continuei, “o finado pai de Hamlet disse que fora envenenado por seu próprio irmão, que agora era o chefe. Ele queria que Hamlet o vingasse. Hamlet acreditou de coração, pois não gostava do irmão do pai.” Tomei um gole de cerveja. “No país do grande chefe, vivendo no mesmo segmento, que era muito grande, havia um ancião que estava sempre com o grande chefe para aconselhá-lo e ajudá-lo. Seu nome era Polônio.

Hamlet estava cortejando sua filha, mas o pai e o irmão dela... (procurei rapidamente um analogia tribal) advertiram a jovem para não deixar Hamlet procurá-la quando estivesse trabalhando sozinha no campo, pois ele iria ser um grande chefe e poderia não querer se casar com ela.”

“Por que não?” perguntou a esposa do velho, que se sentara numa ponta de sua cadeira. Ele a encarou carrancudo, por perguntar coisas estúpidas, e resmungou: “Por que eles moravam no mesmo segmento.”

“Não foi por isso,” informei-o. “Polônio era um estranho que vivia naquele segmento por haver ajudado o chefe, não porque fosse um parente.”

“Então por que Hamlet não podia se casar com ela?”

“Ele podia,” expliquei, “mas Polônio achava que não se casaria. Afinal de contas, Hamlet era um homem muito importante e deveria se casar com a filha de um chefe, pois em meu país um homem só pode ter uma mulher. Polônio temia que se Hamlet fizesse amor com sua filha ninguém mais se disporia a pagar um bom preço por ela.”

“Talvez seja verdade,” observou um dos mais sagazes anciãos, “mas o filho de um chefe daria tantos presentes e tantas facilidades ao pai de sua amante que valeria à pena. Este me parece um tolo.”

“Muita gente achava isso,” concordei. “Neste meio tempo Polônio mandou seu filho Laerte para Paris aprender as coisas daquela terra, onde vivia um chefe muito poderoso. Temendo que Laerte gastasse todo o seu dinheiro com bebidas, mulheres e jogos, ou se metesse numa encrenca brigando com alguém, Polônio mandou secretamente um de seus empregados para Paris, espionar o que Laerte estava fazendo. Um dia Hamlet encontrou-se com a filha de Polônio, Ofélia. Ele se comportou tão extravagantemente que ela ficou assustada. Na verdade, (atrapalhei-me com as palavras, para expressar a ambigüidade da loucura de Hamlet) o chefe e vários outros homens já haviam notado que quando Hamlet falava podia-se entender as palavras, mas não o significado das frases. Muita gente achava que ele tinha ficado louco.” De repente minha audiência passou a prestar mais atenção. “O grande chefe queria saber o que havia de errado com Hamlet, então mandou chamar dois rapazes que foram iniciados com ele (explicar o que era colega de escola teria levado muito tempo), dizendo-lhes para conversar com Hamlet e descobrir o que atormentava seu coração. Percebendo que haviam sido subornados pelo chefe e iriam traí-lo, Hamlet nada falou. Mas Polônio afirmava que Hamlet enlouquecera porque estava proibido de se encontrar com Ofélia, a quem amava.”

“E isso seria motivo,” indagou uma voz perplexa, “para alguém enfeitiçar Hamlet?”

“Enfeitiçá-lo?”

“Sim, só a feitiçaria pode enlouquecer; a menos, é claro, que alguém veja os seres que se ocultam na floresta.”

Parei de contar minha história, peguei o caderno de campo, e pedi mais informações acerca destas duas causas da loucura. Mesmo enquanto eles falavam e eu tomava notas, não parei de pensar sobre o efeito desta nova variável na trama. Hamlet não se aproximara dos seres que se ocultam na floresta. Só os parentes da linha paterna poderiam enfeitiçá-lo. Excluindo-se os parentes não mencionados por Shakespeare, restava Cláudio, que estava tentando prejudicá-lo. Só podia ter sido ele.

Voltando à história, e tentando evitar outras perguntas, fui logo dizendo que o grande chefe também se recusava a acreditar que Hamlet enlouquecera por amor a Ofélia, sem nenhum outro motivo. “Ele tinha certeza de que algo muito mais importante estava envenenando o coração de Hamlet.”

“Então chegaram amigos de Hamlet,” continuei, “trazendo um famoso contador de histórias. Hamlet decidiu fazer com que ele contasse, ao chefe e todos os demais, a história de um homem que matou seu próprio irmão porque desejava a cunhada e queria tornar-se chefe. Hamlet tinha certeza de que o grande chefe se traiçoeira através de algum sinal caso fosse realmente culpado, e assim ele saberia se seu finado pai dissera a verdade.”

O velho interrompeu, perguntando arditosamente: “Mas por que um pai mentiria para seu próprio filho?”

Fui meio evasiva: “Hamlet ainda não estava seguro de que fosse o seu finado pai.” Seria impossível falar sobre as visões inspiradas pelo demônio na língua deles.

“O que você quer dizer,” observou o velho, “é que na verdade era um agouro, e ele sabia que às vezes os feiticeiros enviam falsos agouros. Hamlet foi um tolo por não ter ido logo procurar um especialista na decifração de presságios e na adivinhação da verdade. Um homem-que-vê-a-verdade poderia lhe contar como seu pai morrera, se fora realmente envenenado ou se houvera feitiçaria; então Hamlet poderia ter chamado os anciãos para resolver o caso.”

Aquele ancião sagaz aventurou-se a discordar. “Mas como o irmão do pai de Hamlet era o grande chefe o homem-que-vê-a-verdade poderia ter medo de falar. Acho que foi por isso que um dos amigos do pai de Hamlet – um feiticeiro ou um ancião – enviou um agouro para avisar o filho do amigo. O agouro era verdadeiro?”

“Sim,” concordei, abandonando os fantasmas e o demônio; teria que ser mesmo um agouro enviado por um feiticeiro. “Era verdade, pois quando o contador de histórias começou sua narrativa, diante de todo o povo, o grande chefe ergueu-se, apavorado. Temeroso de que Hamlet conhecesse seu segredo, ele decidiu matá-lo.”

A apresentação do próximo trecho da história envolvia mais algumas dificuldades de tradução. Comecei cautelosamente. “O grande chefe pediu à mãe de Hamlet para descobrir do filho até onde ele sabia. Mas, como os filhos estão sempre em primeiro lugar no coração de uma mãe, ele fez com que o eminente ancião Polônio se escondesse atrás de um pano pendurado numa das paredes da cabana de dormir da mãe de Hamlet. Hamlet iniciou a conversa repreendendo sua mãe pelo que ela havia feito.”

Houve um murmúrio de desaprovação na audiência. Um homem nunca deve repreender sua própria mãe.

“Ela gritou apavorada, e Polônio se mexeu atrás do pano. Gritando, ‘Um rato!’ Hamlet sacou o seu facão e golpeou através do pano.” Fiz uma pausa para dar efeito dramático. “Ele tinha matado Polônio.”

Os velhos se entreolharam, chocados. “Este Polônio era mesmo um tolo, um homem que não sabia de nada! Qualquer criança seria capaz de gritar ‘Sou eu!’” Lembrei-me, com agonia, de que este é um povo de grandes caçadores, sempre armados com arcos, flechas e facões; ao menor ruído na mata eles prepararam o arco para atirar, e o caçador grita ‘Caça!’ Se nenhuma voz humana responder de imediato, a flecha é disparada. Como um bom caçador, Hamlet gritara ‘Um rato!’

Apressei-me em salvar a reputação de Polônio. “Mas Polônio gritou, e Hamlet ouviu. Ele pensou que fosse o chefe, e queria matá-lo, para vingar seu pai. Ele tinha resolvido matá-lo naquela mesma noite...” Parei, incapaz de descrever para estes pagãos, que não acreditavam na vida depois da morte, a diferença entre morrer com a graça de Deus e morrer *sem receber a eucaristia, desiludido, sem a extrema-unção.*

Desta vez eu tinha realmente escandalizado a audiência. “Um homem que ergue a mão contra o irmão de seu pai, justamente aquele que se tornara seu pai, isto é uma coisa horrível. Os anciãos deviam deixar tal homem ser enfeitiçado.”

Meio perplexa, dei uma mordida em minha noz de cola e argumentei que afinal de contas aquele tio matara o pai de Hamlet.

“Não,” rebateu o velho, dirigindo-se mais aos jovens que se sentavam atrás do ancião do que para mim. “Se o irmão de seu pai tiver matado seu pai, você deve recorrer aos homens que foram iniciados com seu pai; *eles* o vingarão. Nenhum homem deve usar de violência contra seus parentes mais velhos.”

Ocorreu-me uma nova idéia. “Mas já que esse irmão do pai era perverso a ponto de enfeitiçar Hamlet, tornando-o louco, seria muito bem feito, pois seria culpa dele mesmo o fato de Hamlet ter enlouquecido e, não tendo mais juízo, ser capaz de matar o irmão do próprio pai.”

Houve um murmúrio de satisfação. Para eles, Hamlet era de novo uma história interessante, mas para mim não era mais a mesma história. Ao pensar nas próximas complicações da trama e dos sentimentos, perdi a coragem e decidi contar rapidamente as passagens mais difíceis.

“O grande chefe,” continuei, “não se entristeceu pelo fato de Hamlet ter matado Polônio. Isto lhe dava uma pretexto para afastar Hamlet, que viajou junto com aqueles dois que haviam sido iniciados com ele e o estavam atraído, pois levavam cartas para o chefe de um país distante, dizendo que Hamlet deveria ser morto. Mas Hamlet mudou o que estava escrito nas cartas de modo que o chefe matou seus companheiros, ao invés dele.” Encontrei olhar indignado de um dos homens a quem dissera que uma falsificação perfeita, além de ser imoral, estava acima das possibilidades humanas. Desviei rapidamente os olhos.

“Antes que Hamlet pudesse retornar, Laerte voltou para o funeral do pai. O grande chefe lhe disse que Hamlet tinha matado Polônio. Laerte jurou matar Hamlet para vingar o pai, e também porque sua irmã, Ofélia, ao saber que o pai fora morto pelo homem que amava tinha ficado louca e afogou-se no rio.”

“Você já se esqueceu do que lhe dissemos?” O tom de voz do velho era reprovador. “Ninguém pode se vingar de um louco e Hamlet matou Polônio num acesso de loucura. Quanto à moça, além de estar louca, foi afogada. Só os feiticeiros podem fazer alguém se afogar. A água em si não faz mal a ninguém. É algo para se beber e se banhar, nada mais.”

Comecei a ficar zangada. “Se vocês não gostam da história, vou parar.”

O velho emitiu grunhidos apaziguadores e ele mesmo me serviu de mais cerveja. “Você conta bem a história, e nós queremos ouvir. Mas é claro que os anciãos de seu país nunca lhe disseram o que ela realmente significa. Não, não me interrompa! Acreditamos em você quando diz que seus costumes matrimoniais são diferentes, que suas roupas e armas são diferentes. Mas as pessoas são as mesmas em toda parte; sendo assim existem feiticeiros, e somos nós, os anciãos, que sabemos como eles trabalham. Nós lhe dissemos que era o grande chefe que queria matar Hamlet, e depois suas próprias palavras confirmaram que tínhamos razão. Quem eram os parentes masculinos de Ofélia?”

“Apenas seu pai e seu irmão.” Hamlet estava completamente fora de meu controle.

“Ela devia ter muitos outros; você também precisa perguntar isto aos anciãos, quando voltar ao seu país. Pelo que nos contou deve ter sido Laerte quem matou Ofélia, já que Polônio estava morto, mas eu não vejo razão para isso.”

Tínhamos esvaziado um dos potes de cerveja, e os velhos começaram a discutir esta questão com a vivacidade de quem já está meio tocado. Finalmente um deles perguntou: “O que disse o empregado de Polônio ao voltar?”

Lembrei-me de Reinaldo e de sua missão com dificuldade. “Eu acho que ele só voltou depois da morte de Polônio.”

“Ouça,” disse o mesmo velho, “pois vou lhe contar o que aconteceu, e como a história continua, e então você dirá se estou certo. Polônio sabia que seu filho ia se meter em encrencas, como de fato aconteceu. Ele precisava pagar muitas multas por causa de brigas, e tinha dívidas de jogo. Ele só tinha dois meios de conseguir o dinheiro rapidamente. Um deles seria casar a irmã imediatamente, mas era difícil encontrar um homem que quisesse desposar a mulher desejada pelo filho do chefe. Pois se o herdeiro do chefe cometer adultério com sua mulher, o que é que você pode fazer? Só um tolo faria queixa do homem que um dia irá ser seu juiz. Por tanto só lhe restava a segunda opção: Laerte matou a irmã com feitiçaria, afogando-a, para depois poder vender seu corpo aos feiticeiros, secretamente.”

Levantei uma objeção. “Mas o corpo foi encontrado e enterrado. Na verdade Laerte entrou dentro do túmulo para ver sua irmã pela última vez – assim, o corpo realmente estava lá. Hamlet acabara de regressar, e entrou atrás dele.”

“O que foi que eu disse?” O ancião apelou para os outros. “Laerte não tinha boas intenções com o corpo da irmã. Hamlet o impediu de vendê-lo, pois o herdeiro do chefe, tanto quanto o chefe, não quer que nenhum outro homem se torne rico e poderoso. Laerte deve ter ficado furioso por ter matado sua irmã sem obter qualquer proveito. Em nosso país ele tentaria matar Hamlet por causa disso. Não foi o que aconteceu?”

“Mais ou menos,” admiti. “Quando o grande chefe soube que Hamlet ainda estava vivo, incentivou Laerte a matá-lo, e arranjou uma luta de facão entre eles. Nesta luta os dois jovens se feriram mortalmente. A mãe de Hamlet bebeu a cerveja envenenada que o chefe preparara para Hamlet, caso ele vencesse a luta. Ao ver sua mãe morrer envenenada, Hamlet, num último esforço, matou o irmão de seu pai com o facão.”

“Vejam como eu tinha razão!” exclamou o ancião.

“A história é muito boa,” acrescentou o velho, “e você nos contou cometendo apenas poucos enganos. Tem mais um erro, bem no final. O veneno que a mãe de Hamlet bebeu era obviamente destinado ao sobrevivente da luta, quem quer que fosse ele. Se Laerte vencesse seria envenenado pelo grande chefe, para que ninguém ficasse sabendo que ele planejara a morte de Hamlet. E também para não se sentir ameaçado pelo poder de Laerte como feiticeiro, pois é preciso ter o coração muito duro para matar a própria irmã com feitiçaria.”

“De vez em quando,” concluiu o velho, envolvendo-me em sua toga rasgada, “você precisa nos contar outras histórias de seu país. Nós, que somos mais velhos, podemos esclarecê-la sobre o verdadeiro significado das histórias, de modo que quando você voltar para sua terra os anciãos vão ver que você não ficou à toa na selva, pois estive com gente que sabe das coisas e lhe transmitiu sabedoria.”

Originalmente publicado em *Natural History*, 75 (1996).

Tradução: Lilian Valle

Revisão: Kátia Maria Pereira de Almeida  
(redigitado por Elisa F. de Souza Corrêa)

Departamento de Antropologia Social  
ICHF – UFF- 1989